

## Transformações das experiências

Sonia Maria Mendes Eleutério Mestriner<sup>[1]</sup>

**RESUMO:** A autora considera que as transformações da experiência emocional podem seguir uma direção de crescimento positivo ou ir na contramão disso, dependendo da possibilidade da personalidade de lidar com a falta do objeto. Para refletir sobre isso, utiliza-se de uma citação de três poemas, de ensaios teóricos – nos quais considera algumas correlações, propostas por Bion, de realizações matemáticas com as transformações – e de um caso clínico ilustrativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** experiência emocional, transformações, crescimento mental, realizações de espaço

---

1. Psicanalista de crianças e adolescentes. Doutora em psicologia clínica. Membro efetivo e analista com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

A partir de uma citação de três poemas, alguns ensaios teóricos – nos quais considero algumas realizações matemáticas relacionadas às realizações psicanalíticas, como propostas por Bion – e um caso clínico, objetivo tratar do tema da falta e ausência do objeto, e das possibilidades de transformação da experiência emocional em direção ao crescimento mental negativo ou positivo.

Experiência não é o que aconteceu com você.  
É o que você fez com o que aconteceu.  
(Huxley, citado por Franco Filho, 2016, p. 285)

#### Ausência

Por muito tempo achei que a ausência é falta.  
E lastimava, ignorante, a falta.  
Hoje não a lastimo.  
Não há falta na ausência.  
A ausência é um estar em mim.  
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,  
que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a ausência, essa ausência assimilada,  
ninguém a rouba mais de mim.  
(Andrade, 1984/2015, p. 21)

#### *Infant sorrow*

Minha mãe gemia, meu pai chorava  
Neste mundo perigoso saltei  
Impotente, nu, com um grito estridente:  
Como um espírito mau oculto em uma nuvem.  
Debatendo-me nas mãos de meu pai,  
Lutando contra meu cueiro  
Aprisionado, exausto, achei melhor  
Amuar-me sobre o seio de minha mãe.  
(Blake, citado por Tustin, 1986/1990, p. 23)

Esses poemas foram citados para mostrar a questão da experiência da falta e das várias possibilidades de transformação que existem a partir da experiência emocional da relação do indivíduo consigo mesmo, com os outros e na relação analítica. Os dizeres de Aldous Huxley (citado por Franco Filho, 2016) mostram com clareza a importância da qualidade das transformações das experiências. Uso o termo “experiência emocional” em um sentido amplo, referente tanto ao que acontece entre duas pessoas, especialmente na relação analítica, como à relação consigo mesmo, cujo cerne é incognoscível.

No poema “Ausência”, de Carlos Drummond de Andrade (1984/2015), há uma distinção entre os termos “falta” e “ausência”. O primeiro parece-me referir a uma

experiência não assimilada, não acompanhada de um estado mental de sentir-se contido, e cujas transformações têm o sentido de crescimento negativo. Sugere personalidade mergulhada em um espaço infinito, sem continência da dor sentida e não sofrida, com intolerância à frustração. A complexidade do jogo tolerância vs. intolerância à frustração está implícita na suposição de que as realizações, tanto positivas como negativas, implicam frustração, e a pessoa pode modificá-las ou evadir-se. “Lastimar”, palavra que aparece no poema, pode ter o sentido de “lamentar, deplorar”; “sentir dor, afligir-(se), angustiar-(se)”; “lamentar-se, queixar-se” (Houaiss et al., 2009, p. 1159), e relaciona-se ao que Bion (1962/1977) denominou de elementos beta: impressões dos sentidos e emoções não transformadas pela função alfa, que são sentidas como “coisas-em-si” e não podem ser usadas nos pensamentos-sonhos nem são condizentes com o uso por meio da identificação projetiva e da evacuação, como no *acting out*.

Nesse poema, o termo “ausência” remete-me à experiência emocional de algo não presente, mas contido e assimilado, de modo a favorecer vértices alternativos ao abordar as questões e uma maior amplitude da personalidade, um crescimento positivo. O objeto tem existência dentro da mente. É nesse sentido mais estrito que Franco Filho (2016) considera o termo “experiência emocional”, cujas transformações envolvem a função alfa e promovem uma amplificação da mente. Na ausência está implícita a vacuidade, o “infinito vazio e sem forma” (Milton, citado por Bion, 1965/1977, p. 162), e a emergência dos pensamentos e de seus usos apontados na grade proposta por Bion (1977). Isso me remete a Chiang Tzu em “No fim está o meu começo”: “No princípio de tudo era o Vácuo dos Vácuos, / O Inominável” (Merton, 1999, p. 100), de onde emergiu a “natureza” e a “natureza” humana, a existência.

Já o poema de William Blake sugere a fragilidade e o desamparo do recém-nascido neste mundo perigoso, as adversidades e frustrações. Ele precisa da mãe ou de um substituto dela que o acolha física e psiquicamente, assim tornando sua dor mais tolerável e favorecendo seu crescimento físico e mental. Precisa do abraço, do olhar, da atenção e da capacidade de *rêverie*, função alfa,<sup>[2]</sup> da mãe. Ou, não tolerando estar neste mundo, não tolerando a dor, predominantemente se amua no seio da mãe. O verbo “amuar” pode ter o sentido de “desgostar-se por pequena contrariedade ou ofensa”; “ficar aborrecido e calado, mostrar-se melindrado ou sentido”; “teimar com insistência”; “não chegar a amadurecer”; “encruar”; “deixar de reagir, em virtude de fadiga ou maus-tratos” (Houaiss et al., 2009, p. 122). Esse estado de ressentimento pode ser transitório ou constituir-se “em um estado primitivo de amuo massivo” (Tustin, 1986/1990, p. 24), característico das crianças autistas psicogênicas.

A mãe com condições mentais, tendo introjetado um vínculo produtivo entre dois

---

2. Função alfa é a capacidade de transformar dados sensoriais em elementos alfa, material para pensamentos oníricos, e ela proporciona a condição de tornar-se consciente ou inconsciente. A mãe recebe as sensações do bebê e as transforma em elementos alfa, tarefa que a mente primitiva do bebê, por si só, não é capaz de realizar de forma que o *self* do bebê tolere suas qualidades psíquicas (Bion, 1962/1988).

objetos,<sup>[3]</sup> além da função paterna de oferecer amparo, e contando com um ambiente externo que lhe dê suporte, proporciona ao bebê, por meio de sua função de *rêverie*, o uso da identificação projetiva como comunicação (identificação projetiva realista). Assim, abre caminho para o crescimento gradativo, no bebê, da função alfa e da capacidade de pensar, isto é, de capacidades como notação, atenção, memória, julgamento, movimento das posições  $P \leftrightarrow D$ , comunicação e suavização da frustração. Ou a mãe pode não ter as condições de proporcionar essas possibilidades, e os processos de identificação projetiva do bebê se intensificarem e funcionarem predominantemente como meio de evacuação. Nesse caso, prevalecem nele a intolerância à frustração, o pavor sem nome, a tendência à evasão e a ausência de significado (Bion, 1962/1988, 1992/2000). As funções do seio de prover amor, compreensão e significado ficam prejudicadas, o que corresponde no bebê a um temor de que o seio tenha sido destruído, assim como a sua própria existência. Há a probabilidade de ocorrência de uma miríade de estados mentais considerando-se o fator tolerância/não tolerância à frustração.

Outro fator importante para o crescimento mental é a personalidade do bebê. Se, por inveja excessiva, este não tolerar o seio como fonte de compreensão (seio mental), pode clivá-lo, de modo a ser capaz de ingerir o alimento, mas destituir o seio de sua função de compreensão e de amor, prejudicando o desenvolvimento de sua própria capacidade de compreensão (Bion, 1992/2000). Essas experiências emocionais primitivas têm grande importância no crescimento mental do indivíduo.

## Alguns ensaios teóricos

A geometria, repito, existe por toda a parte. No disco do sol, na folha da tamareira, no arco-íris, na borboleta, no diamante, na estrela-do-mar e até num pequenino grão de areia. Há, enfim, infinita variedade de formas geométricas espalhadas pela natureza. (Tahan, 1938/1989, p. 39)

As considerações que farei se baseiam em textos de Bion, especialmente “Uma teoria sobre o processo de pensar” (1962/1988) e “Transformations” (1965/1977), e nas discussões que aconteceram em um grupo de estudos de que participei.

Em “Uma teoria sobre o processo de pensar”, Bion (1962/1988) afirma que o processo de pensar depende de dois desenvolvimentos: dos pensamentos e de um aparelho para pensá-los (processo de pensar). A pressão dos pensamentos desenvolve

3. Comumente  $1 + 1 = 2$ , mas se o sinal “+” é tratado como a terceira variável da expressão, em um contexto de  $1 = \text{homem}$  e  $1 = \text{mulher}$ , poderia ser  $1 + 1 = 3$ , se em uma relação criativa (Bion, 1992/2000). Essa matemática emocional é mostrada por Lewis Carroll (1872/2008). Cito o trecho de uma conversa entre Alice e as rainhas:

— Sabe somar? — perguntou-lhe a Rainha Branca. — Quanto é um e um e um e um e um e um e um?

— Não sei, perdi a conta.

— Ela não sabe somar — disse a Rainha Vermelha. ... Rainha Branca. — Sabe dividir? Divida um pão com uma faca... qual é o resultado?

— Eu creio... — ia dizendo a menina, mas a Rainha Vermelha respondeu:

— Pão com manteiga, naturalmente! (p. 146)

o processo de pensar. Os pensamentos, considerando a sua história evolutiva, podem classificar-se em: pré-concepções, concepções, pensamentos e conceitos, e acrescento aos pensamentos aquilo a que Bion se referiu como “pensamentos em busca de um pensador”. Quando uma pré-concepção – disposição inata, como a do seio no bebê – se une a uma realização que dela se aproxime, tem-se como produto uma concepção. A concepção está relacionada à satisfação. Outra possibilidade é de a pré-concepção unir-se com uma frustração (experiência de um não-seio: diferença entre o seio desejado e o real). Nesse caso, se houver tolerância suficiente à frustração, o seio vivido internamente como não disponível se transforma em um pensamento no sentido mais estrito, proporcionando a simbolização do seio e o desenvolvimento do aparelho de pensar. Mas, se a capacidade de tolerar a frustração é inadequada, há evasão da frustração. Assim, em vez de pensamento, produz-se um seio mau, que se presta ao uso da identificação projetiva como evacuação, como se obtivesse alimento de um seio bom, o que contribui para o desenvolvimento hipertrofiado de um aparelho de identificação projetiva e prejudica o desenvolvimento do aparelho de pensar.

O crescimento mental está intimamente relacionado à tolerância à frustração e à possibilidade de dois desenvolvimentos mentais: dos pensamentos e de um aparelho mental para pensá-los. A epígrafe desta seção sugere a possibilidade de uma mente se desenvolver e assim apreender e pensar formas na natureza. Sandler (2021) referiu-se à conjectura de Bion de que “a matemática evoluiu de uma forma que parece apropriada para expressar, como analogia, a evolução emocional que ocorre da psicose à neurose” (p. 183), visto que requer uma habilidade para pensar na ausência do objeto.

Bion (1965/1977), buscando um sistema de representação insaturado que permitisse a saturação, um modo de manejo de símbolos, de comunicação precisa e de evitar uma diversidade de teorias, relacionou sistemas e realizações matemáticas com sistemas e realizações intuitivas psicanalíticos para abranger situações semelhantes. Visto que a geometria euclidiana derivou de realizações de espaço, supôs sua origem na experiência intrapsíquica de espaço, na qual uma experiência, uma emoção, um sentimento e um fenômeno mental estavam. A partir disso, considerou correlações entre realizações intuitivas e sistemas psicanalíticos com sistemas e realizações matemáticas. As transformações matemáticas seriam representações “desintoxicadas” de emoções. As regras do manejo de pontos e retas da geometria, os invariantes, poderiam ser aplicadas ao espaço intrapsíquico no qual um fenômeno mental estava. O ponto e a reta do geômetra são representações básicas dos fenômenos mentais e suas transformações, e também fazem parte de transformações em outros meios, como nas artes e nas ciências. Bion também considerou que a configuração comum aos processos de desenvolvimento é uma progressão do infinito para uma formulação finita e associada a um número, ou geométrica.

O ponto pode ser considerado elemento insaturado, indivisível com respeito

à magnitude, mas com posição (Heath, 1956). Sob um vértice moderno, segundo Weber e Wellstein (citados por Heath, 1956), a noção de ponto “evolui da noção de ponto *material* real ou suposto, pelo processo de limites, isto é, por um ato da mente que estabelece um termo a uma série de apresentações em si mesmas ilimitadas” (p. 157, tradução livre). Na interpretação de Heath, o ponto “é o limite mais extremo no qual podemos ainda pensar em (não observar) como uma apresentação *espacial*, e se pudermos ir mais além, não apenas a extensão cessa, mas, mesmo o *lugar* relativo, e nesse sentido, a ‘parte’ é *nada*” (p. 158). Simplício (citado por Heath, 1956) enunciou que “um ponto é o início de magnitudes, essas desenvolvem-se do ponto” (p. 157).

Isso foi utilizado por Bion como ponto de partida para “Transformations” (Bion, 1965/1977; O. Beltrame Jr., comunicação pessoal, 2019). O ponto do geômetra, quer imaginado, falado ou marcado, em seus variados modos de expressão, como na música, na pintura e nas manchas, pode representar o seio, assim como a linha o pênis. O ponto, representando a experiência de ausência do objeto, pode ser o início de magnitudes e abrir caminho para elaborações e abstrações. Ou o ponto pode marcar “‘o lugar em que o seio estava’ tendo muitas das características de um seio hostil, que é hostil por não mais estar lá” (Bion, 1965/1977, p. 76, tradução livre) e pode ser utilizado, assim como a linha, como se fosse coisa, como nas transformações em alucinação que se caracterizam pela rivalidade e pelo uso dos “sentidos como órgãos de evacuação” (p. 137), resultando em um universo no qual prevalecem as próprias criações do paciente.

A linha, segundo Platão, é um conjunto de pontos, sucessivos que seguem uma direção (Heath, 1956). Aristóteles critica essa visão. Proclo e Aristóteles compartilham da ideia de que a linha se constitui com o movimento de um ponto, o que implica espaço e tempo (Heath, 1956; O. Beltrame, Jr., comunicação pessoal, 2019). A linha é infinita, mas pode-se estabelecer um ponto de início e um de fim e, assim, obter um segmento de reta.

Considerando essa noção da linha como o movimento de um ponto, podemos conjecturar um ponto de início e traçar sobre esse ponto dois eixos que se cruzam. A intersecção dos eixos em um ponto, O, representa uma experiência emocional, o ponto de início, de origem, a experiência a partir da qual acontecem as transformações; os vetores à direita representam K, o crescimento mental, direção de desenvolvimento da capacidade de pensar criativa e de integração, e os vetores à esquerda, -K, crescimento negativo, direção da destruição da capacidade de pensar e fragmentação. A origem (O) pode ser representada pelo ponto, linha, palavra ou símbolo de uma conjunção constante (Bion, 1965/1977).

Um ponto pode movimentar-se formando uma linha. Utilizando o vértice visual em C1, podemos fazer um exercício como Bion (1965/1977) sugeriu: pode-se colocar uma linha, seja traçada ou imaginada, em frente à linha dos olhos, aproximá-la, afastá-la, colocá-la verticalmente ou em uma posição na qual vemos apenas um ponto. Esse ponto, ligado aos olhos, pode ser projetado para fora e esticado formando uma

linha. Podemos continuar o exercício, como uma atividade de brincar. Se formamos uma linha curva e fechada, podemos chegar a uma circunferência. Três linhas fechadas delimitam um triângulo, quatro um quadrado e assim por diante, compondo algumas das possibilidades do que denominamos de geometria euclidiana, que tem como elementos fundamentais o ponto, a linha e o plano.

Podemos imaginar e desenhar figuras geométricas planas ou tridimensionais com esses elementos fundamentais. Se achatarmos um círculo, temos uma forma oval; se abriremos uma linha curva afastando as extremidades, podemos chegar a vários desenhos de curva. Caminhando no sentido de desenvolvimentos positivos, de abstração crescente, podemos encontrar essas formas na natureza: no sol, na lua, no rosto e olhos de uma mãe. Indo um pouco mais além, podemos, por exemplo, perceber que à circunferência pode ser atribuída uma área (círculo), a essa área um centro; podemos atribuir uma distância entre o centro e um ponto qualquer estipulado no perímetro do círculo (raio), e isso pode ser representado por letras e números, isto é, signos.<sup>[4]</sup> Pode-se estabelecer relações como “os raios são equidistantes do centro” e “o diâmetro é o dobro do raio”, chegando às expressões matemáticas que expressam essas relações por meio de números e signos, traçando um caminho em direção a abstrações crescentes, podendo alcançar H (cálculo algébrico na grade proposta por Bion), categoria com alto grau de abstração, portanto de utilidade restrita em psicanálise. Os processos de aprender com a experiência estão operando.

O ponto foi desenvolvido alcançando a categoria D (pré-concepção), abrindo várias possibilidades de saturação com a experiência emocional e alcançando vários graus de abstração (Bion, 1965/1977). Há um aumento da curiosidade que pode ser evidenciado na relação das categorias 1, 3, 4 e 5 do eixo horizontal da grade (dos usos), considerando a precedente e a consequente, embora a progressão dos usos representados na grade não seja linear. As transformações podem acontecer em outros meios que não os expressos pelos conceitos matemáticos e psicanalíticos, como na pintura, na música e na linguagem verbal. As comunicações que acontecem nos diferentes meios obedecem a certas regras, os invariantes.

Apastamba, um brâmane que viveu séculos antes de Maomé, objetivando construir templos e altares, escreveu uma obra com ensinamentos matemáticos denominada *Shulba sutras*. Com pouca possibilidade de ter sido influenciado pelos pitagóricos, construiu um triângulo retângulo com lados medindo 39, 36 e 15 polegadas, aplicando o princípio de “o quadrado construído sobre a hipotenusa é equivalente à soma dos quadrados construídos sobre os catetos”, atribuído a Pitágoras, o que pode ser demonstrado graficamente de maneira clara e simples. Esse princípio é válido para todos os triângulos retângulos (Tahan, 1938/1989). Isso mostra como a mente brinca com pontos, retas e formas, criando relações e abstrações crescentes. Outras áreas, como a linguagem e a arte, exemplificam a caminhada nessa direção. O trabalho da

---

4. Uso o termo “signo” para designar uma representação que contém insaturação que possibilita o uso como pré-concepção.

mente empregando elementos alfa está implícito no fato selecionado, no movimento das posições PS  $\leftrightarrow$  D, em uma sequência narrativa, como no sonho, e na conexão linear, lógica, como nas proposições de Euclides (Bion, 1992/2000).

Outro modo de lidar com as formas geométricas, na categoria C, é atribuir-lhes significados. Plutarco, nascido em cerca de 46 a.C., propôs uma visão mítica do triângulo retângulo 3-4-5 (cujo lado perpendicular tem 3 cm, a base 4 cm, e a hipotenusa 5 cm). Comparou a perpendicular ao macho, a base à fêmea e a hipotenusa (sobre a qual o quadrado que pode ser construído é igual à soma dos quadrados construídos sobre os lados que contêm o ângulo reto) à prole, produto de ambos. O número 3 é o primeiro ímpar e é perfeito, 4 é o quadrado sobre um mesmo lado – o lado 2 –, e 5 é a soma de 2 e 3, semelhante em parte com o pai e em parte com a mãe (Plutarco, citado por Heath, 1956, p. 417, e citado por Bion, 1965/1977, p. 78 e 93). Os três números apontam para o produto do acasalamento, do par.

Em C, um círculo, por sua propriedade de ter um dentro e um fora, juntamente com uma reta, permitem ilustrar o relacionamento de duas personalidades, que pode ser o analista e o paciente, e as diferentes transformações das experiências (Bion, 1965/1977). A reta que corta o círculo em dois pontos reais e distintos delimita uma área que pode representar o contato (invariantes na experiência emocional) de uma personalidade com a realidade interna, com a externa, com outra pessoa ou com um grupo de pessoas. Uma reta que toca o círculo em dois pontos reais e coincidentes (tangente) pode representar um parco contato – as personalidades apenas se tocam, como na identificação adesiva. Uma reta que toca o círculo em dois pontos conjugados complexos (a reta aparentemente corta o círculo, mas não, é externa ao círculo) pode representar uma aparência de contato, que na verdade não acontece.

Essas realizações em C podem evoluir para representações matemáticas cada vez mais complexas, que mostram o crescimento mental da personalidade.

Indo por uma direção oposta ao aprender com a experiência, o ponto ou a linha, que poderiam representar um seio e um pênis, sofrem um processo de destruição, assim como o desenvolvimento da capacidade de pensar. Pela intolerância à frustração, o não-seio e o não-pênis tornam-se indistinguíveis do lugar onde o seio e o pênis estavam, uma não-coisa, mas com características de algo mau (elementos beta). Sistemas de evasão da experiência emocional podem ser construídos de forma cada vez mais elaborada, como na alucinação (no sentido colocado anteriormente). As hipóteses definitórias, que poderiam conservar seu aspecto negativo insaturado e contribuir para a atribuição de significados novos e para a mobilização dos processos de aprender com a experiência, vão perdendo essa propriedade. As capacidades de notação, atenção e investigação, representadas no eixo horizontal da grade, não conduzem à curiosidade crescente, mas estão sob um uso de excluir a possibilidade de apreensão de uma conjunção constante que evidencie uma aproximação à “verdade” e a notação de novas conjunções. As noções de tempo e espaço vão se destituindo de suas qualidades habituais: o passado ou o futuro podem substituir e excluir o presente,



distinguindo-se de um conhecimento do passado ou da consciência de uma possibilidade de que algo possa ocorrer no futuro, como acontece com as personalidades comuns (Bion, 1965/1977).

Nessa direção apontada, cada vez mais a personalidade vai se utilizando de processos que vão se destituindo da mobilidade de transformações de estados mais insaturados que proporcionariam a utilização de pontos, linhas, figuras geométricas, palavras e noções de tempo para aprender com a experiência emocional. Vão se constituindo estados de não existência, nos quais a não-coisa é indistinguível de nada (*nothing*); os objetos vão sendo privados das qualidades de duração e posição. A personalidade vai sendo dominada pela força das emoções, pela destrutividade e pela inveja, que vai destituindo o objeto de sua própria existência. Mentalmente, tanto a personalidade como o objeto têm que “existir suficientemente para sentir que não existem” (Bion, 1965/1977, p. 102-103, tradução livre). O ponto, a não-coisa, é indestrutível, pode ser projetado ou negado, como nas transformações projetivas e em alucinação. Bion supõe uma “consciência” de uma falta de existência, com a natureza de um tropismo buscando a existência. A busca de existência e de sentido é inerente à condição humana, mas a busca de sentido também é insatisfatória, a atividade alucinatória da mente está sempre presente, e a “verdade” é inatingível.

Esses processos que destituem espaço e tempo de suas qualidades habituais são ilustrados em *Alice no País das Maravilhas* (Carroll, 1865/2005), do qual cito dois trechos.

Alice chega aonde a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá e um Esquilo dormia profundamente.

A mesa era bem grande, mas os três estavam amontoados num dos cantos.

— Não tem lugar! Não tem lugar! — gritaram, logo que viram Alice chegando.

— Tem lugar sobrando! — disse Alice, indignada, e sentou-se numa poltrona grande à cabeceira da mesa. (p. 73)

— Bom, eu mal tinha terminado o primeiro verso — queixou-se o Chapeleiro — quando a Rainha gritou: “Ele está matando o tempo! Cortem-lhe a cabeça!”.

— Nossa, que violência! — assustou-se Alice.

— E desde então — prosseguiu o Chapeleiro, pesaroso — ele não faz mais o que peço! Agora está sempre marcando seis horas. (p. 78)

### Caso clínico

Encontrei-me com R. em consultas iniciais quando ela estava para completar 7 anos. A minha impressão desses encontros é de que se mostrava ansiosa, com certa inibição, e muito necessitada de ter alguém com espaço interno para recebê-la com suas questões emocionais. Nessa época não foi possível marcarmos um trabalho analítico, pois morava em uma cidade distante, ia a uma escola de período integral em uma cidade vizinha à de sua residência, e sua mãe não se mostrou disponível para trazê-la. Quando ela tinha 12,5 anos, a mãe buscou-me novamente para atender sua

filha, porque a achava teimosa, arreliante e agressiva com colegas e professores, com seus irmãos mais velhos e mesmo com a mãe, com a qual tinha um relacionamento de “grude”, dependência excessiva e muito medo de perdê-la. A mãe esteve internada várias vezes por depressão e tinha frequentes dores de cabeça pelas quais passava mal e precisava de atendimento médico ambulatorial. R. era arisca e agressiva no relacionamento com o pai no dia a dia, não o tolerava. O ambiente familiar era muito tenso.

A seguir coloco resumidamente três sessões.

### **Primeira sessão**

Acompanha-me à sala de atendimento carregando sua mochila escolar. Como vem para a sessão logo que terminam as aulas do dia, traz o material escolar e, às vezes, o usa enquanto espera. A mochila parece-me muito pesada pela forma como ela a carrega.

Ao chegar à sala, deixa a mochila ao seu lado no chão, sua expressão me parece de cansaço, e deita sua cabeça na mesinha de frente à cadeira em que está sentada.

Digo a ela que me parece cansada.

Diz que estava em uma semana de provas, que nesse dia tinha tido prova de química, estudou até tarde no dia anterior, até as 11 horas da noite, e tinha levantado às 5:30 horas. Digo: “Então dormiu pouco”.

Ela continua dizendo que terá prova no dia seguinte e nos outros até o início da próxima semana. Continua com a cabeça deitada na mesa, parecendo-me cansada e desanimada.

Conversamos sobre a questão de que esse “cansaço” não a deixa estar mais à vontade comigo. Seu humor vai mudando e mostra-se um pouco mais disponível.

Pega uma folha em branco e desenha algo, e faz dentro do desenho uma textura de traços em azul. Pergunta o que acho que é. Como estou sentada à sua frente, vejo o desenho de ponta cabeça e não o percebo bem, mas penso que se parece com um peixe. Não digo nada e devolvo a pergunta. Ela responde que se parece com um peixe. Digo que também tinha pensado isso. Vejo o desenho bem, pois o voltou em minha direção para que eu olhasse melhor. Por ter chamado minha atenção, pergunto-lhe, apontando para um traço no desenho do peixe, um prolongamento pontiagudo: “E aqui?”. Ela diz que não é nada, mas que podia ser um peixe-espada. Tenho a impressão de ser o desenho de um peixe macho. Também chama minha atenção que ela já tem um corpo de moça, grande e com tendência à obesidade. Imagino que na idade dela, passagem para o início da adolescência, deve ter muitas questões a respeito de suas mudanças físicas e psíquicas. Pergunto-lhe: “Quantos anos tem atualmente?”. Ela responde que tem 13 para 14. Digo que é uma idade na qual está passando de criança a moça e que achava que ela teria muitas questões, curiosidades a respeito das mudanças que deviam estar ocorrendo com ela, tanto no físico como nas ideias. Ela me escuta com atenção e vivacidade, em silêncio.

Comento que a nossa conversa a deixou mais desperta e atenta. Conversamos

sobre algo. Falta pouco tempo para a sessão terminar. Deita a cabeça na mesinha, com parte do dedo polegar de uma mão dentro da boca.guardo um pouco e pergunto se ela costumava dormir assim, com o dedo na boca. Ela responde que sim.

Percebo que tem um guardanapo ou paninho junto das narinas, parecendo cheirá-lo. De repente, o paninho como que pula e cai em cima da mesa. Surpresa, percebo que é um protetor de seio que as mães usam quando amamentam seus bebês e lhe digo que o objeto me parecia isso. Vivamente ela diz: “É isso mesmo!”. Diz que o usa para dormir e o carrega junto quando vai a outros lugares também.

A minha impressão é que o protetor está limpinho, diferente dos paninhos usados que as crianças carregam e cheiram. Pergunto: “Você o troca?”. Diz que a sua mãe compra de caixa e, então, vai trocando conforme usa.

Ela diz: “Vou lhe contar uma história”.

Eu: “É?”.

Ela: “O deserto do Saara, frio de noite, uma comida que não alimenta.”

Questiono-me se o nosso encontro não a alimenta, mas percebo que ela está expressando a sua intimidade, parecendo-me estar sendo acolhida por mim. Ela:

Vou lhe contar uma história melhor. Quando eu era bebê, minha mãe tentava várias coisas para eu me acalmar, como travesseiro, chupeta, e eu não pegava nada. Aí, um dia caiu um desses perto dela, e ela percebeu que isso eu recebia. Então ela passou a usar isso para acalmar-me.

Digo a ela que, quando ela se percebia insegura, perto da hora de ir embora, usava do protetor para sentir-se melhor, e que no nosso encontro tínhamos começado com ela cansada, com sono; depois conversamos sobre muitas questões, e ela me pareceu mais animada; e agora era hora de nos despedirmos.

### **Segunda sessão**

Nessa sessão, realizada nas férias escolares, vem elegante, de vestido, diferente do seu uniforme costumeiro. Brinca de montar um jogo de mosaicos, experimentando fazer criativamente alguns arranjos, desenha expressivamente, embora às vezes se mostre crítica ao que faz, conversa comigo e, quase no final, deita-se no divã, mantendo um protetor no nariz, absorvida por isso.

Tento conversar com ela a respeito da função do uso do “cheirinho” (protetor) como isolamento do contato comigo, o que me parece escutar com atenção. Depois pergunto: “Que ‘cheirinho’ é esse?”.

Ela: “De mãe”.

Tenho dúvidas de como acha que esse “cheirinho” chega até ela e pergunto-lhe: “Como esse cheiro chega até você?”. Ela faz um gesto que mostra que o cheiro sai do ar e entra no protetor: “Pega o cheiro”. Penso que se refere a uma ilusão, alucinação. Falo em tom de brincadeira, um tom bem aceito por ela: “Então, meu cheiro, quando você está perto de mim, passa para o protetor e, quando percebe que está chegando

a hora de ir embora, você se refugia no ‘cheirinho’”. Ela sorri, parecendo mostrar certa concordância. Ao sair carrega sua caixa para guardá-la. Percebo nesse movimento um modo de colaborar comigo.

### **Terceira sessão**

Chega dizendo que está cansada e resfriada. Ao sentar-se junto à mesinha, diz que está com sono. Conversa sobre os feriados que antecederam a sessão e diz que, no lugar para onde viajou, as cobertas estavam empoeiradas, e ela teve alergia. Sua mãe cuidou dela, que melhorou um pouco. Também no dia anterior tinha entrado na piscina.

Percebo que o ventilador está ligado, que pode não lhe fazer bem, e pergunto-lhe se quer que eu o desligue. Ela diz que não, que está acostumada com ar-condicionado e ventilador. Comenta que faz tempo que vem para sessões. Pergunto-lhe como tem sido para ela esse tempo. Diz com alívio que ali comigo pode dormir, sem tantas exigências como no dia a dia, que sua mãe é muito exigente, e ali comigo é o único lugar em que descansa. Na escola é diferente, ela é quem perturba. Digo-lhe que pode se sentir mais tranquila, descansar, e também conversar e lidar com suas questões.

Deita-se no banco ao lado da mesinha dizendo que é confortável. Tira do bolso dois “cheirinhos”, um novo, limpo, e outro mais surrado, dizendo que tem dois. Ao tirá-los, seus óculos e celular, que também estavam lá, caem no chão; tenho a ideia de que carrega consigo um “entulho”, que a atormenta, e está começando a se dar conta de sua necessidade de estar mais tranquila. Diz que tem sono, fecha os olhos, dorme e logo estremece o corpo e acorda. Diz que sonhou que ia cair em um abismo; às vezes sonha que vai cair em uma neve fofa, mas nas duas situações acorda. Pergunto-lhe como é o ir dormir para ela. Diz que sua mãe vai com ela, mas essa noite ela ficou só dez minutos e logo foi para o próprio quarto. Falo sobre a dificuldade de ela dormir sem a mãe do lado. Ela diz que sua mãe é casada com seu pai e dorme com ele, e acrescenta, com tom de ressentimento, que a mãe fica muito com o pai, eles trabalham no mesmo lugar, e à noite ela, a mãe e o pai ficam os três na TV. Percebo que está com o “cheirinho” no nariz. Digo a ela que ela substitui a mãe ou até eu pelo “cheirinho”.

Nossa conversa deriva para o tema de arrumar paquera e formar um casal como o pai e a mãe, situações cuja possibilidade de acontecer ela parece rejeitar.

Diz que seu Crocs está pequeno, que não serve mais e vai comprar outro par. Olho para ela e a vejo muito crescida, moça grandalhona, e digo: “Mesmo que não queira, seu físico, seus pés mostram que está crescendo, ficando moça”.

Diz que está com muito sono. Dorme e acorda logo. Diz que sonhou que estava caindo na neve. Volta a dormir nos minutos que antecedem o término da sessão.

### **Comentários**

Na época em que ocorreram as sessões relatadas, R. trazia a mochila frequentemente para as sessões e deixava-a fora ou dentro da sala de análise. Parecia-me

que pesava muito, e foi objeto de nossas conversas sobre o quanto a vida lhe era “pesada” emocionalmente e o quanto isso aparecia sob a forma de “cansaço”. No meu entender, elementos não digeridos, elementos beta, “comida que não alimenta” buscavam uma mente continente que pudesse transformá-los, e assim ela poderia ir desenvolvendo sua capacidade de pensar.

Nas sessões evidenciavam-se mudanças de qualidade nas transformações da experiência emocional. Por um lado, mostrava transformações mentais indo em direção ao crescimento negativo; por outro, mostrava-se capaz de sair desses estados mais primitivos indo em direção ao crescimento positivo, evidenciando transformações próprias do púbere e do adolescente, com curiosidade em relação a suas mudanças tanto físicas como psíquicas. Como exemplos cito os movimentos nas três sessões, nos quais substituí a relação com a analista pelo uso do “cheirinho” (transformações em direção ao crescimento negativo), mas que também mudaram novamente de direção (para o crescimento positivo) evidenciando comunicação com a analista, verbal e não-verbal. No final da terceira sessão, quando estava com o “cheirinho”, isolada (em direção ao crescimento negativo), logo se envolveu em uma conversa comunicativa (crescimento positivo), que sugere seu envolvimento com questões próprias do adolescente e questões edípicas.

Outros movimentos ocorreram: por exemplo, na primeira sessão, pareceu evoluir de um estado de “cansaço” físico aparente à expressão pelo desenho e pelas conversas sobre o desenho com a analista, evidenciando questões a respeito da sexualidade e da adolescência (crescimento positivo); na segunda sessão, observou-se um movimento de um estado criativo para um de isolamento no “cheirinho” (crescimento negativo), e a seguir um movimento positivo quando voltou a se relacionar com a analista conversando sobre o “cheirinho” e carregando sua caixa para guardá-la, ação sentida pela analista como um modo de colaboração.

Nas conversas durante as sessões e nos encontros que tive com a mãe, pude perceber as apreensões e constantes preocupações de R. com a saúde física e mental da mãe e as relações familiares perturbadoras. A família parecia não exercer de modo satisfatório a função continente. Como no poema de Blake (citado por Tustin, 1986/1990), citado no início deste trabalho: “Aprisionado, exausto, achei melhor / Amuar-me sobre o seio de minha mãe” (p. 23). Isso atrapalha o caminho em direção a abstrações crescentes, a usar as experiências emocionais para as transformações em pensamento e o jogo entre as posições.

Em alguns momentos absorvia-se com o “cheirinho”, em outros era capaz de falar comigo sobre seu uso. Um aspecto foi evidenciado na segunda sessão: pensamento concreto. A paciente permitiu que eu pudesse entrar na questão segundo o seu ponto de vista e perceber a qualidade das transformações que fazia. Por meio de sentidos de uso primitivo, como tato e olfato, tentava recriar uma situação na qual tivesse a sensação de união com a “mãe” sem perturbações, como o bebê que se prende a um “seio alucinado”, que pode satisfazer momentaneamente, mas não

se torna suficiente para crescimento mental positivo, tornando-se, sim, um fator de evasão que o atrapalha. A falta não é tolerada, parece-me não viver a ausência como “estar em mim”, “aconchegada” e “assimilada” (Andrade, 1984/2015, p. 21). A situação temida (não sensação de união sem perturbações com uma “mãe” ou analista) pode sofrer uma transformação em alucinação, evitando o sentimento de dor da perda de um estado idílico e buscando satisfação em um “seio alucinado” (“cheirinho”). As transformações em alucinação caracterizam-se por se constituir em um modo de se mostrar superior à análise e de obter independência, em que a relação entre objetos é de posição superior ou inferior, e a rivalidade, a inveja, a avidez e o roubo estão muito atuantes (Bion, 1965/1977). Em certa época a paciente mostrava claramente sua rivalidade ao jogar comigo o jogo de baralhos Uno, fazendo “malandragens” sutis e mostrando expressão de braveza quando perdia, tentando provocar um estado de impotência em mim, a analista. Na situação de falta não tolerada, pode restar apenas o lugar em que o objeto estava ou poderia estar (sinalizado pelo ponto), e até mesmo o lugar em que o ponto estava pode sofrer ataques e destruição, o terror tomar conta e as transformações em alucinação serem usadas como meio de evasão, ou melhor, de substituição da realidade que a ameaça.

Além das transformações projetivas e das transformações em alucinação, as transformações em autismo (Korbivcher, 2001) poderiam estar atuantes para evitar a falta e as emoções. Essas transformações se caracterizam por sensação de extrema vulnerabilidade e “buracos negros”, angústias de derramamento e dissolução, recolhimento emocional e autossensualidade exacerbada para evitar a consciência da separação do objeto e da dor mental. Nesses estados as sensações dominam, não se constitui a representação de objetos internos e fantasias e tenta-se estabelecer um estado de continuidade com o objeto. O uso tanto dos objetos autísticos como das formas autísticas é sensorial, excêntrico, bizarro, repetitivo, visando tamponar a falta, impedindo ou atrapalhando o crescimento mental. Diferem do “objeto subjetivo” e do “objeto transicional” de Winnicott (Tustin, 1986/1990), pois estes não impedem o crescimento mental.

A terceira sessão ilustra a dificuldade de dormir, relacionada ao funcionamento deficitário da barreira de contato, à função alfa. Cair no sono equivale a cair em um buraco. O trabalho na sessão possibilitou que a sensação de queda fosse amortizada: “cair na neve”.

Também mostra transformações em direção ao crescimento. Nas sessões relatadas foi capaz de conversar sobre seus estados mentais mais primitivos e também sobre seu crescimento, sua dificuldade de perceber-se moça, de aceitar o pai e sua posição na triangulação edípica. Parece ter a crença de que, se aceitar o casal parental, perderá a mãe, e assim se abre pouco a relacionamentos mais criativos. Mostra sua possibilidade de mudar a direção das transformações para aquelas que apontam para o crescimento positivo, para a criatividade e para o relacionamento humano produtivo. Entretanto, na proximidade da hora de despedida, refugia-se no uso de objetos que a

isolam e parece entrar em um estado ilusório de bem-estar. Pode também sair desse isolamento e relacionar-se mais cooperativamente, quando, por exemplo, carrega a sua caixa para guardá-la.

Os modelos geométricos da reta que corta o círculo em dois pontos reais e coincidentes e da reta que corta em dois pontos conjugados complexos ilustram, respectivamente, a experiência de “grude” e de alucinose, e a que corta em pontos reais e distintos, a presença de contato, de invariantes nas experiências emocionais da dupla analítica.

Neste trabalho tentei mostrar transformações em direção ao crescimento negativo e ao positivo, dependendo de como se lida com a experiência da falta, por meio de citações poéticas, tecendo alguns ensaios teóricos relacionados a algumas proposições matemáticas, tais como pude compreendê-las nas propostas de Bion em “Transformations”, e com o relato de um caso clínico.

---

#### **Transformaciones de las experiencias**

**Resumen:** La autora del presente trabajo considera que las transformaciones de la experiencia emocional pueden seguir una dirección de crecimiento positivo o ir a contramano de esto, dependiendo de la posibilidad que la personalidad tenga para lidiar con la falta del objeto. Para reflexionar sobre este asunto, utiliza citas de tres poemas, ensayos teóricos –en los que considera algunas correlaciones que han sido propuestas por Bion de realizaciones matemáticas con transformaciones– y una viñeta clínica ilustrativa.

**Palabras clave:** experiencia emocional, transformaciones, crecimiento mental, realizaciones de espacio

#### **Experience transformations**

**Abstract:** The author believes experience transformations can grow towards a positive direction or move away from it, depending on the personality's ability to deal with the lack of the object. To ponder over this, the author used a quote from three poems, theoretical essays – in which some correlations, posed by Bion, between mathematical achievements and transformation are considered – and an illustrative clinical case.

**Keywords:** emotional experience, transformation, mental growth, space realization

---

## Referências

- Andrade, C. D. (2015). *Corpo*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1984)
- Bion, W. R. (1977). Learning from experience. In *Seven servants: four works by Wilfred R. Bion*. Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1977). Transformations. In *Seven servants: four works by Wilfred R. Bion*. Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (1977). *Two papers: The grid and Caesura*. Karnac.
- Bion, W. R. (1988). Uma teoria sobre o processo de pensar. In *Estudos psicanalíticos revisados: second thoughts* (J. Salomão, Trad.; pp. 101-109). Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações* (E. H. Sandler e P. C. Sandler, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Carroll, L. (2005). *Alice no País das Maravilhas* (M. F. Meira, Trad.; 2a ed.). Martin Claret. (Trabalho original publicado em 1865)
- Carroll, L. (2008). *Alice através do espelho* (P. Leão, Trad.; 2a ed.). Martin Claret. (Trabalho original publicado em 1872)
- Franco, O. M., Filho. (2016). Afinal, o que é uma experiência emocional? Ou uma pergunta que eu gostaria de ter feito a Bion. In P. C. Sandler, A. Sapienza, & O. M. Franco Filho (Orgs.), *Inquietações ↔ Serenidade: efeitos a longo prazo das contribuições de Bion* (pp. 285-297). Blucher; Karnac.
- Heath, T. L. (1956). *Euclid: the thirteen books of the elements* (2a ed., Vol. 1). Dover.
- Houaiss, A., Villar, M. S., & Franco, F. M. M. (2009). *Houaiss: dicionário da língua portuguesa*. Objetiva.
- Korbivcher, C. F. (2001). A teoria das transformações e os estados autísticos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35(4), 935-958.
- Merton, T. (1999). *A via de Chuang Tzu* (9a ed.). Editora Vozes.
- Sandler, P. C. (2021). *A linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico de conceitos*. Blucher.
- Tahan, M. (1989). *O homem que calculava* (34 ed.). Record. (Trabalho original publicado em 1938)
- Tustin, F. (1990). *Barreiras autísticas em pacientes neuróticos* (M. C. Monteiro, Trad.). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1986)

---

## Sonia Maria Mendes Eleutério Mestriner

Endereço: Rua Altino Arantes, 1844, Jardim América. Ribeirão Preto/SP.  
CEP: 14020-200  
Tel.: (16) 3636-3228  
E-mail: smmestriner@hotmail.com